

O ENSAIO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO
PATEO DO PARAIZO
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES
POR MEZ A RAZÃO
DE 500 RÉIS.

*De Deus é maldição a ignorancia,
Nas azas da instrucção ao céo subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactores — Oliveira Escorel e Henrique Capitolino

O ENSAIO

RECIFE, 15 DE AGOSTO DE 1876.

No dia 11 do corrente completaram-se 49 annos da criação dos Cursos Juridicos do Imperio. Onze de Agosto é o dia em que a mocidade ou antes todo o brasileiro deve sentir-se possuido de jubilo, ao comparar o presente com uma parte do nosso passado, na qual o véo negro, que envolvia os seus horisontes, que mais tarde se tornaram limpidos, ainda não tinha sido rasgado pelo peso d'uma grande idéa.

« Pela espada se disciplina, pela idéa se civilisa, disse Victor Hugo. »

A criação dos Cursos Juridicos no Imperio do Brasil foi mais um passo dado na senda da civilisação; foi a aurora brilhante d'uma nova vida para o povo brasileiro; foi a compreensão de tudo quanto é grande e nobre; foi mais um triumpho alcançado nas plagas de Colombo, na luta da sciencia com a ignorancia.

Em cada seculo ha datas bem memoraveis que se tornam indeleveis nos corações dos povos. Em umas é a espada que escreve a custa do sangue a mais bella epopéa d'um povo que tem seus direitos usurpados; é ella que faz com que a c'róa role no chão, quando o povo *mendiga* o que é seu ao sopé do throno e o throno o repelle.

Em outras é a idéa que abre as portas do templo de seu futuro; que accende o facho da civilisação para espantar a escuridão em que devia tactear mais tarde a posteridade em busca do caminho que a conduzisse a um novo mundo.

No dia 7 de Setembro de 1822 proclamou-se a independencia do Brasil. No dia 11 de

Agosto de 1827 crearam-se os dous Cursos Juridicos do Imperio.

Se no Brasil a instrucção constituísse a medalha de merito com que os homens subissem ao poder, como na velha Roma succedia com os oradores; se no Brasil o homem de instrucção, que não mercadeja a sua honra, não fosse desprezado; se não se vendessem cargos pelo incenso do thuribulo, de certo estaríamos mais adiantados.

E' grande a idéa da criação das Academias Juridicas de Pernambuco e S. Paulo. Mas o que vemos? A Academia do Recife não tem um edificio seu em que funcione, e o governo, pagando pares de contos de réis pelo aluguel de um, ainda não se lembrou de edificar um apropriado para tal fim.

Estamos em 1876 e a ociosidade ainda não cessou.

Saiba a esperançosa mocidade, em cujas mãos está o destino das gerações vindouras, fazer justiça ao que dizemos, é o que desejamos.

N.

D. Pedro I e a nossa constituição

« O historiador não penetra na noite do passado, nessa necropolis veneravel das gerações extinctas, sem sacudir a poeira das paixões do dia. »

(CONSELHEIRO HOMEM DE MELLO.)

I

Ligeiras considerações sobre a independencia do Brasil

Competindo-nos estudar no presente anno o Direito Constitucional, quizemos, antes de

o fazer, adquirir algumas noções, ainda que perfunctorias, da historia de nossa independencia e da confecção da nossa lei fundamental, para o que compulsemos a excellente obra do Sr. Conselheiro Homem de Mello, ⁽¹⁾ *os Annaes da constituinte*, e um trabalho do Commendador Antonio Joaquim de Mello, que torna-se admiravel pelo criterio e inergia com que trata dos acontecimentos do primeiro periodo de nossa vida politica.

O estudo destas tres obras nos levou a escrever uma serie de artigos em que nos propomos analysar a nossa independencia, o merito da nossa assembléa constituinte, as causas de sua dissolução, o projecto de constituição imposto pelo Sr. D. Pedro I, o governo deste monarcha, e finalmente toda a historia politica de nossa primeira idade.

Comecemos fazendo umas considerações sobre a nossa emancipação politica.

O Brasil ainda envolto nas faxas infatis, já queria ser livre, já pugnava pela sua independencia!

Apenas abria os olhos e já fitava-os na luz da civilisação; apenas tacteava e já procurava a estrada do progresso!

Pernambuco foi a primeira provincia que se manifestou em prol da nossa emancipação!

Poder-se-ha dizer que foi ella o berço da liberdade no solo brasileiro!

E de facto já em 1649 os claustros de Pernambuco constituíam-se atalayas da nossa independencia, solicitando a sua separação de Portugal no tocante a esphera ecclesiastica. ⁽²⁾

Em 1710 tivemos a revolução dos naturaes contra os portuguezes, conhecida pela historia com o nome de—*Guerra dos Mascates*—em que manifesta-se claramente o antagonismo que havia entre os naturaes e os portuguezes e o desejo de independencia, ainda irrealisavel, porém já manifestado.

Chega o anno de 1789 e na provincia de Minas Geraes, as suas maiores capacidades se reúnem e conspiram para espedaçar o ólo que unia o Brasil á Portugal, entretanto não o conseguiram!

Ainda era cedo!

A arvore da liberdade não póde florescer e fructificar sem que seja por muitos annos cultivada com esmero.

O resultado dessa tentativa a historia registra em seus fastos memoraveis.

Tiradentes, o chefe da revolução, subiu ao cadafalso na cidade do Rio de Janeiro; Claudio Manoel da Costa suicidou-se; Gonzaga, Alvarenga Peixoto e tantos outros foram desterrados para as desertas regiões d'Africa, e suas familias cá ficaram cobertas com o labéo de infames e com todos os seus bens confiscados!

Mas ainda não é tudo!

Os brasileiros não se intimidaram com o supplicio de Joaquim José da Silva Xavier!

A ampulheta do tempo havia marcado o anno de 1817, e eis de novo os pernambucanos, tentando a sua emancipação politica, de novo se erguendo contra o regimen colonial.

Mas, ainda uma vez, baldado esforço!

Apenas conseguiu-se augmentar o catalogo dos martyres!.....

Treze victimas immoladas, um passo avante na estrada do progresso e nada mais!.....

Tanto custa a liberdade!

Entretanto já ella se fazia sentir, já ella surgia por entre as trevas do absolutismo!

Correm os tempos e eis que chega áfinal o dia de nossa libertação, cinco annos mais em 1822 e o Brasil se proclama independente á face de todas as nações!

D. Pedro I, o príncipe regente do Brasil, o proprio filho de D. João VI, aceitou o throno que lhe foi offerecido pelos brasileiros e coadjuvou-os em sua independencia!

Quem tal diria? E a carta de 4 de Outubro de 1821 escripta por elle á seu pai?

« A Independencia tem-se querido cobrir commigo, e com a tropa; com nenhum conseguiu, nem conseguirá; porque *a minha honra, e a della é maior que todo o Brasil*; queriam-me, e dizem que me querem acclamar Imperador; *protesto a V. Magestade que nunca serei perjuro; e que nunca lhe serei falso; e que elles farão essa loucura, mas depois de eu e todos os portuguezes estarmos feitos em postas*; é o que asseguro a V. Magestade, *escrevendo nesta com o meu sangue estas seguintes palavras*:—Juro sempre ser fiel á V. Magestade e á nação, e á constituição portugueza.—»

Entretanto tudo foi esquecido, tudo foi violado!.....

Um anno depois, á 22 de Setembro de 1822, elle escrevia ao mesmo senhor os seguintes trechos:

« Embora se decrete a minha desherdação: embora se commettam todos os attentados, que em clubs carbonarios forem forjados; a causa santa não retrogradará, e eu antes de morrer direi aos meus charos bra-

⁽¹⁾ *A constituinte perante a Historia.*

⁽²⁾ Commendador Antonio Joaquim de Mello.

sileiros—« Vêde o fim de quem se expôz pela patria; imitai-me. »

« V. M. manda-me, que digo!!! mandam as côrtes por V. M., que eu faça executar, e execute seus decretos: para eu os fazer executar, e executal-os era necessario, que nós brasileiros livres obedecêssemos á facção: respondemos em duas palavras—não queremos!

« *Triumphá, e triumphará a Independencia Brasileira, ou a morte nos ha de custar.*

« O Brasil será escravizado; mas os brasileiros não; porque, enquanto houver sangue em nossas veias ha de correr, e principalmente hão de conhecer melhor o *Rapazinho*, e até que ponto chega a sua capacidade, apesar de não ter viajado pelas côrtes estrangeiras. »

E que tal!.... O que deduzir disto!....

De que servio esse juramento tão solemne-mente feito, e depois tão claramente vilipendiado!

Tudo violado!.... Tudo conculcado!.... Fidelidade para com o rei, para com o pai, para com a nação, para com a constituição portugueza..... tudo, tudo, até a honra!....

Entretanto a nossa independencia se effectuou e D. Pedro I foi o nosso monarcha.

H. C.

O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

PARTÉ I

CAPITULO V

O DESAPARECIMENTO

(Continuação)

Sahindo da casa de Jeronymo, Decio chegou logo á de Ascella, e narrou á boa matrona o motivo de sua visita. Com ella o patricio foi mais expansivo do que com Jeronymo; é que o coração da mulher inspira mais confiança, e Ascella carpio a dôr do filho de sua amiga. A sabia matrona, cuja vida se escoava em perfeita calma e tranquillidade, compadecia-se do proximo; os seus olhos tinham uma lagrima para qualquer dôr, os seus labios uma palavra

de consolação para qualquer desventura; e, se bem que não lhe fosse possível socorrer e consolar os afflictos, pedia á Deus por elles. Anjo de bondade, Ascella emulava em caridade christã com as pias matronas do seu tempo; diziam os de sua familia que, quando a sua mãi trazia-a nas entranhas, o seu pai vira em sonho a sua esposa parir um vaso de puro crystal, esplendente de luz; e de facto, vaso escolhido, a existencia immaculada de Ascella era uma serie de obras misericordiosas.

A matrona não poz em duvida a afflicção que o joven sentia, e mais pela partida de Valeria do que pela de Marcello; e com a sua angelical bondade lhe sorrio, porquanto estava convicta de que o nobre coração de Decio Fulvio não abrigaria um sentimento criminoso, e persistia muito mais nesta convicção, lembrando-se que alguns dias antes elle quizera fazer-lhe uma revelação, que as circumstancias procrastinaram.

— Vivi longo tempo na Dalmacia, disse a matrona depois de haver consolado com as suas palavras o patricio, mas não conheço o paiz onde reside o tio de teus amigos; um senador, que lá tem residido durante muito tempo, poderá dar-me noticias della. Volta d'aqui a alguns dias, e então dir-te-hei o que souber.

Consolado em parte por esta esperança, Decio deixou a companhia da matrona, e entregou a carta de Marcello á um dos credores, o qual, enfurecido pelo desaparecimento do seu devedor, ameaçou de fazel-o perseguir na Dalmacia, e de cital-o perante o pretor, afim de que entregasse formalmente os seus bens.

Decio, com o animo exasperado, deixou o usurario; e após tres dias de mortal impaciencia, voltou á presença de Ascella, a qual lhe communicou que o senador lhe havia dito que o tio de Marcello e Valeria tinha morrido inopinadamente, deixando o seu patrimonio eivado de dividas.

— Jeronymo tem razão; Marcello mentia ao escrever-me! exclamou o patricio surprezo e afflicto por esta noticia.

— Não é provavel que os teus amigos tenham ficado na Dalmacia, disse a matrona, por isso mesmo que nada podiam ter da herança de seu finado tio.

— Meu Deus! onde se terão elles occul-

ado? á que estolido plano se terão abandonado? accrescentou Decio, cobrindo o rosto com as mãos afim de esconder a palidez.

— Não te afflijas, Decio, replicou Ascella; nós encontral-os-hemos: eu, assim como tu, lastimo aquella joven malavisada e aquelle tresloucado mancebo; e, dou-te a minha palavra, envidarei tudo afim de encontral-os. Por maior que seja Roma, cedo ou tarde havemos de descobrir o lugar onde se escondem elles.

— Sim, nós havemos de achal-os; não é verdade, Ascella? perguntou o patricio, com a expressão de uma criança que pede conforto.

— Confiemos em Deus, pois que cousa bem fragil é a vontade do homem sem a assistencia divina, respondeu Ascella.

Constrangido regressou Decio á sua habitação, e, sem perda de tempo, deitou-se ao encalço dos seus amigos; mas em vão. Por elles indagou aos escravos, que haviam ficado na casa de Marcello; durante mais de um mez andou elle a girar noite e dia; mas em vão; as suas pesquisas, assim como as de Ascella, foram baldadas. Finalmente, exausto e desanimado, o pobre Decio perdeu toda a esperanza de encontrar aquelles que nem siquer pensavam em quem tanto por elles se interessava e soffria.

(Continúa.)



Onze de Agosto

Não vos espanteis, bons leitores, com o folhetim do ENSAIO; não penseis que a obra é monumental; não estranheis o ENSAIO sahir de sua monotonia; tudo isto é ainda resto do enthusiasmo de Luiz XVI, Puffendorfo, mocidade, sciencia, intelligencia, verdade, instrucção, povo, luz, futuro, porvir, sangue. liberdade e mais liberdade etc.

Não digaes por ahi muito baixo: O ENSAIO com folhetim é o prenuncio do apparecimento de algum gato com botas ou macaco com litteratura franceza. Não; tudo tem o seu tempo e bem vêdes que com tanto enthusiasmo da mocidade, o ENSAIO não podia deixar de sahir de seu sério e carrancudo aspecto.

Sob o bello céu do 11 de Agosto quem deixou de ser poeta? Quem não incomodou a illustissima Camara Municipal com a sua jaca e casaca do tempo dos Affonsinhos? Quem não foi á modista para fazer um novo vestido ou do velho novo em nova moda? Quem não mandou engommar a sua bacorinha cascuda para fazer dos outros tólos? Ninguém. Todos se fizeram grandes e contaram aventuras. Por essa razão o ENSAIO que botou a encarnada de dez réis a vara no peito, tomou a sua capella de melão e empunhou o celebre sceptro de amarello, não podia ficar calado sem contar alguma cousa aos leitores.

Que tal! «A humanidade é uma caldeira cujo metal é a mocidade.»

Este anno não tivemos o prazer de ouvir este bonito pensamento. Não, senhores; os oradores do anno passado não foram os mesmos deste anno.

O Recife extasiou-se, ao contemplar a imponente passeiata dos estudantes. Que passeiata! Os academicos deram as mãos aos cascabulhos e lá se foram pelas ruas, rufando tambores e tocando maracás. Que tal! E os cascabulhos não pintaram o bode! Sim, senhores, gosto disto, continuem.

Muito boa passeiata. Discursos brilhantes, poesias gigantes houve á mão cheia; porém ninguém pôde supportar um senhor poeta, porque com as mãos fechadas e os braços duros parecia

Estou a pensar que as moças ficaram bem insultadas. Não foi a cousa para menos, pois a mimica oratoria era completamente desconhecida pelo bello sexo da Imperatriz. Todos tem razão de queixar-se do poeta. Porque não deixou o senhor poeta o seu mdo costume em casa? Com as moças usa-se de delicadeza. Quem tem culpa é o senhor. Deus permitta que ellas se reunam em santo officio da inquisição e lhe dêem uma surra em lugar deserto.

Reinou muito enthusiasmo na passeiata, tocando já ao delirio. As varandas apinhadas de povo pareciam querer desabar. Surgiram vivas de todo calibre. Uns gritavam: Viva Calvino. Outros bradavam: Viva a republica. Outros gritavam com todas as forças dos pulmões: Viva..... e baixinho diziam cousas do arco da velha e todos respondiam: Vivó, vivó. Que tal! Eu não sei o que elles diziam.

Dissolveu-se a passeiata e as jovens ficaram chorando, dizendo por entre os soluços:

— Adeus. —

★ ★

O jardim esteve *completamente* illuminado. Mettia-se o dedo no olho de um christão, tanta era a luz espargida por aquelle *bosque de Bolonha*. De uma vez eu passeiava com um moço de braço e de repente, ao chegar ao pavilhão, onde estava mais illuminado, vi no braço, em vez do meu amigo, uma velha que, apenas nossos olhares se encontraram, fugio espavorida talvez a procura do velho marido. E de facto encontrou-o de braço do outro lado do pavilhão com o meu amigo que, por sua vez tambem assustado, vio-se fazendo um papel interessante.

Que risadas! Que comedia!

Para que *tanta luz*? Deviam ter se lembrado que a luz do sexo amavel podia illuminar todo o jardim.

Por fallar no sexo amavel, vi muita carinha bonita que parecia mesmo uma *deusa*, uma *Corina* do nosso *Raphael*. Em compensação vi couzinhas de se ficar com a bocca aberta ante tanto *degagé*.

As leitoras devem ufanar-se em representar o sexo privilegiado, principalmente as que foram ao jardim, onde as arvores balouçadas pela brisa pareciam soletrar — *poesia*. —

Sentido! Alerta! Lá estavam Eugenia e Ricardina com toda a sua corte.

E tudo e tudo se acabou até a seguinte noite no Cassino.

*
* *

A partida do Cassino esteve importantissima. Houve muitos *toilettes* ricos, muita carinha linda; porém tambem houve muitas *rabudas* não *aféridas* pela Camara Municipal e caras tronchas e *engraçadas*.

Quanta harmonia! Quanta luz! Quantas flores! Esteve imponente a partida.

E o sereno! De todos os que tenho assistido ainda não vi um tão importante. Haviam muitas moças, umas desgostosas, porque os predilectos tinham ido a partida, outras, porque a madama não dera o rico vestido, e outras... não sei porque.

O grupo de Eugenia não perdeu o sereno. Que meninas!

Em outro grupo em que estava a moreninha de luto, ouvi perguntar-se a um cavalheiro: — O senhor conhece aquelle moço moreno que faz parte da commissão de recepção?

— Conheço. E' um.....

— Aquelle moço está com as mãos tão mal amanhadas nas luvas, não sabe aonde as bote. Parece-me que nunca calçou luvas!

Que tal! Que moça para enxergar!

Adeus, leitores, até outra vez, que a cousa já vai longa.

N.

As melhores flores

DEVANEIO

(POESIA INEDITA.)

Flores!... que flores tão lindas
As flores que tu me dêste!
Tão perfumadas, tão puras,
Onde encontra-las podeste?

Foste-as colher muito cedo,
Ao repontar do arrebol,
Quando inda mal s'entre-abriam
Aos doces raios do sol?

Inda vem tão orvalhadas,
Tão gentizinhas que são!
Soprou-lhes na primavera
Matutina viração?

E o que são ellas? são dhalias?
São jasmins, cravos ou rosas?
Flores?... que flores tão lindas!
Nunca as vi tão melindrosas!

Não são do campo, que é fertil,
Mas não tem primores taes;
Não lhe rebentam no seio
Esses mimos divinaes.

Do valle na rude encosta
Não brotaram tão singellas:
O monte que é tão florido
Não tem florinhas tão bellas.

Ah! já sei, desabrocharam
No teu breve jardimzinho;
Cresceram assim viçosas
Por teu affago e carinho.

Tu as trazes ainda frescas,
São flores do teu amor:
Comtigo mesma nasceram
No teu seio encantador.

Alli em botões formosos
Desabrocharam primeiro;
A vida toda lhes dêste
N'um sopro teu feitiço.

Surgiram depois n'um ramo
De attracções voluptuosas:
Uniram-se em laço estreito
Essas flores tão mimosas.

São duas, sim, mas que flores!
Valem mais nessa união,
Que todas as flores juntas
Na mais garrida estação.

Teem um aroma celeste,
Teem uma côr singular,
Não são rôxas como o lyrio,
Mas teem um brilho sem par.

São flores mysteriosas,
Dirá, talvez, muita gente;
Mas se ha mysterios nas flores,
O coração é que o sente.

E digam lá quaes são ellas,
Se de um peito virginal,
Ellas pullulam mais tenras
Do que as rosas n'um rosal?!

Com ellas me quero eu sempre,
Entendo-as no seu condão;
Da mulher só é que nascem,
Della só — que d'outros não:
Bem do seio lhe rebentam,
São flores do coração.

A. R. de Torres Bandeira.

Epicedio

A' inopinada e prematura morte de uma joven, na vespera
de seu casamento. — A' pedido.

*Thou wert not form'd for living here,
For thou wert kindred with the sky;
Yet, yet we held thee all so dear,
We thought thou wert not form'd to die!*

(TH. MOORE *Juvenile Poems*).

Era uma flor mimosa e peregrina
De brilhante cariz,
Perpetuo refflorir nos promettendo
No vivido matiz...

Era uma estrella pura e luminosa,
Continuo a scintillar...
Era um anjo dos céos, immaculado,
Na terra a divagar...

E flor e estrella e anjo, ou virgem meiga
E candida e fiel,
Virtudes e bellezas singulares
Resumia a granel.

Da vida, que ditosa lhe corria,
Na esplendida manhã,
Dir-se-hia destinada a longos dias, (1)
Sympathica e louçã.

(1) John Dryden.

Logrando, no regaço da innocência,
Qual no seio de Deus,
A dita de por todos ser amada (2)
Entre os penates seus;

Naquelle almo scismar que em nada scisma,
Naquelle devaneiar
Da mocidade ardente e esperançosa,
Que só convida á amar:

Sem cuidados da existencia, nem receios
Do incognito porvir,
Entre delicias... para ella tudo
Parecia sorrir!

Amor, o doce Amor, forjado tinha
O suave grilhão;
O indissolúvel Hymeneu seus laços
La apertar então.

Mas ah! que temporão o Anjo da Morte
Sinistro a surp'hendeu;
«Basta!» lhe disse: e juntamente a choram
Amor e Hymeneu!

A flor mimosa, do sepulchro ao sópro,
Prematura murchou;
A linda estrella, para sempre, em sombras
No ocaso descambou.

E o anjo... ah! que esse, por mais tempo longe
Dos Céos, d'onde desceu,
Não podendo existir, á eterna patria
Repentino volveu.

Tal a sorte mutavel dos humanos!
Aind'hontem nascer,
Viver um pouco, e logo após... Silencio!
Tombar... cahir... morrer...

Em triste funeral eis convertido
Das bodas o festim!
O branco véo em funebre sudario
Eis transformado emfim!

Epicedios, em vez de epithalamios...
Cruel desillusão!
Lutos por galas, prantos por sorrisos,
Por thalamo o caixão...

Da lorangeira as perfumadas flores
Festivas, virginaes,
Ei-las ahi... saudades e perpetuas
E goivos sepulchraes!

Oh! Quão depressa, nesta vida ingrata,
Vamos do gosto á dôr!
Do berço á campa só um passo existe,
Um só, a se transpôr.

(2) Adelia Josephina de Castro Fonseca.

E agora o que nos cumpre, olhi-chorosos,
A tactear sem luz?
Orar, orar por ella, ajoelhados
Aos pés da Santa Cruz.

Ahi, em quanto o corpo seu inerte
Na fria terra jaz,
Paz desejemos á sua alma pura,
Paz á sua alma, paz!

1873 — Julho.

Francino Cismontano.

Um teu sorriso

A' F. E. V. P.

Quando um riso de teus labios
Se desata junto a mim,
Parece-me ir ao céo
Nas azas de um cherubim.

RIBEIRO.

Se é bello em manhã a rosea aurora
No horisonte surgindo...
Se é bello ver o sol que se levanta
Sua luz espargindo...

Se é bello ver no céo lua serena
Vagando lentamente...
Se é bello ver a vela que fluctua
Do rio na corrente...

Se é bello no campo á tardezinha
O descambar do sol,
Que se debruça atraz de alta collina,
Formando o arrebol...

Se é bello de noite á luz da lua
O som da frauta ouvir,
Que saudoso de longe vem do amante
Seu coração ferir...

Se é bello em serena madrugada
O gorgear das aves,
Ou no jardim mil flores exhalando
Seus aromas surves...

Se é bello toda essa natureza
De graças se revestindo...
Mais bello é ter-te sempre ao lado meu,
Meu anjo, te sorrindo.

Pontable — Março — 1876.

J. C. Ribeiro da Silva.

A gota de orvalho

(Do hespanhol de D. Antonio Arnao)

Como do orvalho a perola mimosa
Na corolla da flor,
Tal em teu puro coração, formosa!
Descança o meu amor.

Nunca ao raio do sol para seu damno
A gota se evapore!
Nem minha fé, por fero desengano,
Desvanecida, chore!

29 de Maio de 1876.

Alcipreste.

A' distincta poetisa fluminense Narcisa Amalia, autora
das — Nebulosas. —

Bradando ao mundo inteiro — liberdade!

NARCISA AMALIA.

Salve, egregia, brasileira poetisa,
Cantora entusiasta, fluminense!
Tua lyra inspirada as lyras vence
Das outrás brasileiras, oh! Narcisa!

Do Parnaso tu és sacerdotisa,
O sceptro da poesia a ti pertence;
Consente que o poeta recifense
Envie-te uma oblação no vôo da brisa.

Tu cantaste a patria idolatrada,
Cantaste a sublime divindade
Dos Ivos e Machados adorada.

Tu pregaste aos povos a igualdade,
Fraternidade santa, sublimada,
— *Bradando ao mundo inteiro — liberdade.*

30 de Maio de 1876.

Alcipreste.

Revista.

Anniversario. — A mocidade academica festejou com todo o esplendor o anniversario da creação dos Cursos Juridicos do Imperio. No dia 9 pela manhã uma banda de musica marcial postada no edificio da Academia executou as mais lindas peças de seu repertorio, sendo tocado em primeiro lugar no meio dos mais freneticos applausos o hymno academico.

A esperançosa mocidade do curso anexo com uma banda de musica a frente foi cumprimentar a mocidade academica que mais tarde tambem com uma banda de musica a frente foi retribuir a fineza a seus irmãos, fallando nesta occasião, como interprete dos sentimentos de seus collegas, o estudante do 5.º anno o Sr. Pedro Vianna.

Findando-se as horas das aulas, os estudantes da Academia e do curso anexo, com duas bandas de musica, dirigiram-se pela rua do Hospicio, onde o academico do 1.º anno o Sr. Firmino Pacheco em breves e eloquentes palavras saudou aos seus collegas, ao Café da Imperatriz, dissolvendo-se ahi todos na maior harmonia e no meio dos mais calorosos vivas.

A' tarde os estudantes, tanto da Academia, como do curso anexo, com duas bandas de musica percorreram as ruas centraes da cidade, fallando na rua da Imperatriz o academico do 2.º anno Paulo de Bittencourt, o ouvinte do 1.º anno Ribeiro Gonçalves, o academico do 5.º anno Olympio de Paiva, o academico do 3.º anno Souza Neves e os do 1.º anno Rego Melo e Timoleão Peres; na rua do Imperador o Sr. Coelho Pinheiro e os academicos do 1.º anno Aristoteles Carneiro Leão e José Maria d'Albuquerque Mello Junior; na rua do Commercio os academicos do 1.º anno Daltro Pereira Franca e Nascimento C. e Silva, e o do 4.º anno Henrique Vieira, dispersando-se a passeiata na praça do Conde d'Eu, depois da execução dos hymnos academico e nacional.

No outro dia á noite o jardim do Campo das Princezas esteve illuminado, tocando nesta occasião as bandas de musica do 9.º e 2.º batalhões de primeira linha.

Nesta mesma noite a insigne actriz brasileira, a Sra. Ismenia dos Santos, levou á scena, em commemoração ao dia 11 de Agosto, o drama do distincto litterato portuguez Pinheiro Chagas, a *Morgadinha de Valflôr*, no qual ella tem mostrado por mais de uma vez o seu talento, havendo em um dos intervallos poesias e discursos.

No dia 11 foi expedido um telegramma para a Bahia, deixando de se fazer o mesmo para o Rio de Janeiro e S. Paulo por causa da interrupção do cabo, concebido nestes termos:

« A mocidade da Academia e do curso an-

nexo no memoravel dia 11 de Agosto saúda a seus collegas da Bahia. »

Terminou a funcção com um saráo dançante nos salões do Cassino Pernambucano. A concorrência foi enorme e o bello sexo, como sempre, mostrou-se em todo seu esplendor.

Acceitem a mocidade academica e a do curso anexo os nossos parabens.

Pelino Guedes.—Cabe á nós, que noticiamos a morte deste mavioso poeta e nosso comprovinciano, o prazer tambem de dizer em nosso periodico que foi falsa esta noticia, e enviar-lhe os nossos emboras pela sua *ressurreição*.

Fallecimento.—Acaba de fallecer no Rio de Janeiro, para onde seguira em busca de linitivo ás suas dôres, o academico do 2.º anno o Sr. M. B. Castello Branco, segundo noticiaram os jornaes desta cidade. Moço dotado de excellentes qualidades e intelligente, era estimado por todos que com elle tinham relações.

Nós que fomos seus amigos e collegas, e que o apreciavamos já pelo seu talento, como pelos dotes de seu coração, repassados do mais vivo sentimento, damos os pezames á sua Exm.ª familia.

Praza a Deus que tenha a sorte da do Pelino esta noticia.

Jornal das Familias.—Fomos obsequiados com um numero deste importante jornal, correspondente ao mez de Agosto. Não precisa que nós mostremos o seu merito e chamemos a attenção do publico para elle, pois que é bem conhecido e a imprensa brasileira tem feito a mais honrosa recommendação a que elle tem jus.

Felicitação.—A Academia de Medicina da Bahia, em resposta ao telegramma expedido pela Academia de Direito desta cidade, no dia 11 de Agosto, enviou o seguinte:

« A Academia de Medicina da Bahia agradece, felicita aos seus irmãos do Curso Juridico. »

Jornaes.—Continuamos a receber a *Lucta*, *Revista Academica*, *Liberal Victoriense*, *Victoriense*, *Romeiro das Lettras*, *Ordem*, *Catholico*, e *Academia de S. Paulo*.